Cotas raciais: para alterar uma antiga injustiça

As cotas raciais são um modelo de ação afirmativa implantado em alguns países para amenizar desigualdades sociais, econômicas e educacionais entre raças. A primeira vez que essa medida foi tomada data de 1960, nos Estados Unidos, para diminuir a desigualdade socioeconômica entre brancos e negros.

COTAS RACIAIS NA PETROBRAS

A expectativa é que a Lei 12990/2014 traga mudança no perfil dos funcionários da empresa a curto e longo prazo. A lei implica nas cotas de 20% para pessoas Pretas e Pardas no processo seletivo público da Petrobras.

Considera-se neste processo o Negro aquele que se autodeclara preto ou pardo, em caso de fraude o candidato será eliminado do certame, se já houver sido admitido, terá seu contrato nulo.

A aplicação da reserva de cotas ocorre posteriormente ao alcance da nota mínima definida para o concurso, não há demérito nos candidatos da cota, é possível que a admissão de um candidato que faz parte do cadastro específico de pessoas pretas ou pardas, não seja admitido pela cota.

Nós do Coletivo de Mulheres Petroleiras Fupistas, defendemos a aplicação das cotas raciais – e mais que isso, sua expansão progressiva nas universidades federais e repartições Públicas – é necessário para cessar uma perseguição histórica que negros sofrem tanto do Estado e seus braços militarizados, quanto da sociedade civil como um todo. Não é sobre vitimismo, mas sim uma análise crua da realidade brasileira e um alinhamento que permita uma mudança que não virá só com as cotas raciais, mas sim com a aplicação incansável de diversas outras políticas que busquem ascender o negro no Brasil, mesmo que tardiamente.

O que é ser uma mulher negra na atual sociedade?

Historias do desafio cotidiano de uma Mulher Negra

Michele Ferreira Vilas Boas, 35 anos, mãe e estudante de Pedagogia na UFBA.

A princípio gostaria de ressaltar que ser uma mulher pobre negra na atual sociedade é diferente de ser uma mulher negra da classe média ou alta nesta mesma sociedade ainda que sejam poucas as que pertencem a estas duas últimas classes sociais.

Sou estudante do Curso de Pedagogia na UFBA, enfrento diariamente diversas dificuldades para me manter nos estudos e equilibrar a vida de mãe, trabalhadora, lazer e descanso.

Para conseguir sobreviver com dignidade nessa sociedade capitalista cheia de valores burgueses, a mulher negra precisa ter muita força e ser de alguma forma contemplada pela coragem de lutar, coragem esta que não se refere somente a vencer mais um dia de trabalho para garantir o pão de cada dia e sim a coragem de ir além, de lutar pelos seus direitos, de se valorizar, de se defender, de se amar, de se reconhecer como negra, como pessoa de bem que merece respeito, que merece lazer, que não aceita ser explorada, que não admite ser abusada e explorada sexualmente, no trabalho e de nenhuma outra forma.

Com o desenvolvimento urbano no decorrer dos anos as mulheres adquiriram certa liberdade de poder trabalhar na rua e sem perceber acrescentou em suas vidas uma tripla jornada de trabalho que é ser mãe, dona de casa, etc. Trabalhos estes tão pesados quanto o trabalho dos homens com a diferença que em muitas funções, as mulheres ainda ganham um salário menor do que o salário masculino.

Considero bem verdade que para ocorrer melhoria nas condições de vida das pessoas, o primeiro fator a ser modificado seria a igualdade social uma vez que as diferenças de classes contribuem para a exploração dos menos favorecidos economicamente. Para tal, só a partir de uma revolução por parte dos trabalhadores se organizando e reivindicando seus direitos. Enquanto isto não ocorre, nós, que de alguma forma temos uma visão mais ampla a respeito das temáticas anteriormente citadas, devemos contribuir em grupos, promovendo palestras públicas em nossa comunidade, nas escolas, para conscientização do maior número de pessoas e assim contribuir para o seu processo de emancipação.

Simone de Beauvoir: um escândalo no Enem

A questão sobre a filósofa Simone de Beauvoir no Enem provocou um escândalo nacional em 2015. Houve revolta por parte da bancada mais conservadora no Congresso, acusações de doutrinação por parte do MEC. Mas afinal, o que diz o texto de Beauvoir? Basicamente, que nossa ideia do que é ser "mulher" tem muito de social, e não é totalmente biológica. Olha o texto aí de novo:

"Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam o feminino."

Esta é, sem dúvida, uma das maiores frases que inspiram o movimento feminista, Simone de Beauvoir tinha 41 anos quando publicou O Segundo Sexo (1949). Já naquela época a obra levantou inúmeras polêmicas. É uma obra de inspiração, fundamental para descortinar a maneira pela qual as mulheres são criadas justamente para serem menos que os homens. A mulher não tem um destino biológico, ela é formada dentro de uma cultura que define qual o seu papel no seio da sociedade, ficando, durante muito tempo, aprisionadas ao papel de mãe e esposa, sendo a outra opção o convento. Porém, a própria Simone rompe com esse destino feminino e faz de sua vida algo completamente diferente do esperado para uma mulher. Simone preconizou e foi precursora do que viria ser o feminismo.

As marisqueiras de Passé

Obra organizada por professoras da UFBA é resultado dos projetos desenvolvidos pela Universidade em Passé - Candeias, com o apoio do Coletivo de Mulheres Petroleiras, o livro mostra o dia a dia das marisqueiras, seus saberes e fazeres. Organizado pelas professoras Uilma Rodrigues de Matos e Regina Lúcia Portela é resultado da interação das trabalhadoras com os projetos da UFBA/FACED, e terá lançamento em três locais: Colônia de Pescadores e Aquicultores Z54 de Candeias, Refinaria Landulpho Alves (RLAM) e na Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia (FACED).

A luta pela igualdade de gênero nas relações de trabalho na Petrobrás ganhou maior protagonismo nos últimos quatro anos, com destaque para as conquistas de cláusulas no ACT como a ampliação de direitos que beneficiam todos os trabalhadores, principalmente as cláusulas relacionadas às licenças paternidade e adoção. Assim como o assento na subcomissão da diversidade com atuação focada na busca pela equidade plena.

A crise do setor petróleo pode afetar os direitos e atrasar a equidade de gênero

AS SUFRAGISTAS | O FILME

Retratando uma das principais lutas das mulheres na Inglaterra, "As Sufragistas", de Sarah Gavron,

Retrata a luta pelo voto feminino. Essa luta foi sempre o primeiro passo a ser alcançado no horizonte das feministas da era pós-Revolução.

O filme mostra a conquista do voto feminino fruto de uma longa e difícil batalha travada pelas "Sufragistas" – primeiras ativistas do feminismo.

Infelizmente hoje ainda há países, como a Arábia Saudita, em que o direito de voto feminino acaba de ser conquistado, ainda assim, com restrições. E que não faltam países em que às mulheres é negado o direito de estudar ou mesmo de sair à rua desacompanhadas de um homem.

As mulheres tiveram forte participação na construção do histórico Acordo Coletivo de Trabalho de 2013. Um dos temas mais debatidos foi o enfrentamento rotineiro de trabalhadores e trabalhadoras lotados em unidades afastadas de seus familiares ou em processo de transferências, o que torna evidente o descaso da empresa no tratamento dos casos.

Naquele ACT conquistamos avanços sobre o tema mobilidade em duas clausulas a Cláusula 97ª - Movimentação de empregados e a Cláusula 98ª - Preservação Familiar, porém na prática continuamos vendo um tratamento desumano por parte da empresa nos casos de transferências que impactam no convívio familiar de seus funcionários.

Este problema tem se intensificado diante da política de reestruturação da empresa e do fechamento de postos de trabalho com a venda de ativos prevista para 14,4 bilhões só em 2016. O Conselho de Administração da Petrobras aprovou o plano de reestruturação interna de governança da companhia com objetivos focados na redução de custos para tornar a companhia mais enxuta e flexível, assim como aumentar o controle sobre a gestão de executivos em cargos gerenciais. Hoje, a companhia tem mais de 7.500 funcionários em cargos de gerência.

A REESTRUTURAÇÃO DESUMANA DA PETROBRÁS

A FUP repudia a forma desumana com que muitos setores estão sendo desmobilizados nesta reestruturação, pois os funcionários ficam sabendo de um dia para outro sobre as alterações que impactarão diretamente em sua vida. Mais precisamente quando são comunicados em curto prazo e necessitam repensar a rotina familiar como a escola dos filhos e seus projetos pessoais.

A ausência de cláusulas efetivas de proteção às mulheres e à preservação familiar causam preocupações ao conjunto das trabalhadoras petroleiras, diante da reestruturação em curso. Assim, faz-se urgente ampliar a unidade e fortalecer a organização sindical na luta em defesa da igualdade e principalmente neste "duro" momento em defesa da Petrobrás e da Soberania Nacional, garantindo que as históricas conquistas sejam mantidas e que mais direitos para todos e todas garantam que o ser humano esteja em primeiro lugar.

Leia também:

2 | Mulheres na Luta!

3 | Protagonismo Feminino no Parlamento

4 | Cotas Raciais
Simon e de Beauvoir
As Marisqueiras

Lugar de mulher é na luta!

Mulheres em luta

Anacelie Azevedo é Secretaria das Mulheres da CUT PR e Diretora do Sindipetro PR/SC

Desde a Revolução Industrial no século 18 as mulheres estão cada vez mais presentes no mercado de trabalho, principalmente nas indústrias têxteis. O dia 8 de março é historicamente marcado pela luta revolucionária das mulheres russas nas fábricas têxteis por melhores condições de trabalho, um marco a destacar pela presença das mulheres nas lutas por direitos. Esta data é um importante dia de reflexão sobre o que avançamos e o que ainda temos que avançar sobre as dificuldades das mulheres ao galgarem espaços no âmbito sindical. Podemos refletir e analisar o exemplo dos sindicatos profissionais da educação, onde até pouco tempos atrás eram dominados por homens enquanto a categoria com mais de 80% dos profissionais de mulheres.

Trazendo para nossa realidade, os sindicatos dos petroleiros e petroleiras são liderados por homens em sua maioria, muitos deles não possuem mulheres nas direções e muito menos com liberação para exclusiva para atividade sindical. "Essa é uma dura realidade, no Sindipetro Unificado SP, por exemplo, nossa companheira Cibele Viera é a primeira mulher coordenadora geral, já no meu sindicato, PR e SC, eu fui a primeira mulher a ser liberada para atividade sindical em mais de 50 anos de história do sindicato", diz Anacelie Azevedo.

Quais os motivos da falta de representação feminina nos sindicatos petroleiros?

O universo sindical masculinizado pode assustar as mulheres que não se sentem à vontade em um ambiente sempre frequentado por homens onde o machismo tende a se revelar. Outro ponto a refletir é sobre o sentimento de posse que os homens possuem sobre as mulheres, o que leva nossa sociedade a presenciar diversas e trágicas violências.

Mas sem dúvida um dos grandes motivos que dificultam as mulheres adentrarem no sindicalismo, assim como de realizarem qualquer outra atividade política é a ausência do compartilhamento das atividades e responsabilidades domésticas. As mulheres enfrentam outra realidade, elas ainda são na maioria dos lares as principais responsáveis pelas atividades domésticas e cuidados com a família, desde os filhos, marido, pais e muitas vezes os sogros também. Essa rotina sobrecarrega a vida das mulheres e as impedem de se dedicar a outras atividades.

MULHERES QUE DEFENDEM A PETROBRÁS!

Na greve histórica de 2015 "Defender a Petrobras é Defender o Brasil" não foi diferente, as mulheres demonstraram toda sua força para somar na luta em defesa da Soberania Nacional. As mulheres estiveram na liderança em suas unidades e muitas delas participando ativamente das atividades chamadas pelos sindicatos. De norte a sul as mulheres protagonizaram a luta pela defesa da Petrobrás.

REGISTRO NA LUTA!

Em maio de 2015 as petroleiras se reuniram em Campinas no Sindipetro SP para debater sobre a presença das mulheres nas lutas da categoria. O evento foi frutífero, debateram sobre os diversos problemas que as petroleiras enfrentam como o assédio moral e sexual e ainda sobre direitos trabalhistas. A condição das mulheres negras e a sexualidade feminina também foi discutida.

MULHERES SÃO DESTAQUE EM ATUAÇÃO NO PARLAMENTO

Ao pensarmos em Câmaras, Assembléias e Senado democráticos e participativos costumamos pensar em diferentes ideias e diversidade cultural. Apesar de certo, a composição regional do parlamento brasileiro não é suficiente para garantir a representação de classe e de gênero da sociedade brasileira.

As mulheres compõem a maior parte da população (52%) brasileira e como o cargo máximo da república é ocupado por uma mulher, seria natural ter tal proporcionalidade garantida nos espaços de decisão política, mas tal não ocorre e a participação das mulheres nas esferas do poder permanece minoritária.

Em 2014 elegemos uma única governadora, de Roraima, cuja capital Boa Vista é também governada por representação feminina.

No Poder Legislativo, de acordo com o Tribunal Superior Eleitoral (TSE), na última eleição 6.245 mulheres concorreram aos cargos eletivos em disputa, representando um aumento de 71% em relação às eleições de 2010. No entanto, foram eleitas pouco mais de 10% do total de cadeiras, tanto na Câmara Federal quanto no Senado Federal.

As 52 deputadas federais (513) e as 12 senadoras (81) têm trabalhado em conjunto. Prova disto foi a formação da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito da Violência Contra a Mulher (CPMI), responsável pelo projeto de lei (PL 7371/14), cujo objetivo é a criação do Fundo Nacional de Enfrentamento à Violência Contra as Mulheres. As deputadas e senadoras aprovaram a Lei 13.104/2015 que tipifica o crime de feminicídio e o qualificado como crime hediondo.

Vale destacar o protagonismo das parlamentares no enfrentamento ao machismo, caso da Deputada Federal Maria do Rosário (PT-RS), exemplo de compromisso com a valorização e afirmação da Lei Maria da Penha (11.340/2006) um dos instrumentos mais inovadores e eficientes no combate à violência doméstica.

MULHERES E LIBERAÇÃO SINDICAL

Vagas para dirigentes sindicais liberados: o instrumento!

A reduzida inserção das mulheres nas organizações sindicais, sua dificuldade de participação nas lutas, nas conquistas e na política dentro do movimento, sempre esteve associada à manutenção da estrutura patriarcal e sexista. E o baixo número de mulheres, diretoras de sindicatos, liberadas exclusivamente para atividades sindicais, reflete a continuidade de tal estrutura.

Gilene Pinheiro | Diretora do Sindicelpa - Sindicato dos trabalhadores nas indústrias de papel e celulose

COLETIVO DE MULHERES PETROLEIRAS DA FUP

Assumi agora a próxima gestão do Coletivo a Técnica de Manutenção Pleno da RLAM/ diretora do Sindipetro/BA

Anistiada da extinta Petromisa sabe bem a labuta das mulheres em um ambiente predominantemente masculino e diz que as mulheres petroleiras enfrenta muitos desafios dentro do sistema Petrobras entre tantos a desigualdade e falta de oportunidades. O Coletivo de Mulheres da FUP luta para que as pessoas possam exercer sua individualidade com igualdade de direitos e oportunidades, independente da sua raça, origem étnica, religião, gênero, orientação sexual ou concepção política.

Rosangela Maria | Nova Coordenadora do Coletivo de Mulheres Petroleiras

SECRETARIA DE MULHERES

As mulheres trabalhadoras no mundo historicamente participam dos movimentos de emancipação e autonomia. A igualdade de direitos e de oportunidades sempre foram bandeiras das mulheres nas sociedades machista e patriarcal. As mulheres da CUT, por exemplo, desde sua criação, em 1983, se organizam e se legitimando enquanto sujeitas de sua própria história debatendo a igualdade entre homens e mulheres. Foram anos de luta, desde a construção da primeira comissão até os dias de hoje em que temos uma Secretaria da Mulher Trabalhadora para cada um dos 27 estados do Brasil e a paridade implantada na direção nacional da maior central sindical da América Latina. Hoje, a CUT é a única central sindical que possui 50% dos seus cargos de direção ocupados por mulheres e outros 50% por homens, realizando assim a justiça na representação social do nosso pais e contribuindo muito significativamente com o avanço da mulher no poder de decisão e formulação das políticas sindicais. A Secretaria da Mulher Trabalhadora têm por seu objetivo elaborar, coordenar e desenvolver políticas no interior da CUT para a promoção das mulheres trabalhadoras, na perspectiva das relações sociais de gênero, raça e classe, subsidiando as entidades filiadas, assim como organizar as mulheres trabalhadoras para intervir no mundo do trabalho e sindical sobre as questões que interferem na vida destas mulheres enquanto trabalhadoras. Tendo em vista que a mulher é maioria do mundo do trabalho e na população brasileira é fundamental que a FUP se prepare para avançar neste sentido. A ideia é que seja debatida a implementação da Secretaria da Mulher Trabalhadora para a próxima gestão na plenária estatutária prevista para ser realizada, no qual a entidade analisará suas estruturas de funcionamento.